

Expansão do setor estimula planos da AGC

Juliana Estigarríbia e Roberto Dumke

Fornecer as coberturas de vidro para todos os bancos de reservas dos estádios que irão sediar a Copa das Confederações, que começa no dia 15 de junho, além do Mundial de 2014, é apenas a cereja do bolo dentro dos planos da fabricante de vidros AGC. A japonesa, que afirma ter 30% de participação do mercado automotivo global, está se preparando para fabricar no País produtos para setores distintos e que têm apresentado crescimento significativo, como os de construção civil, químicos e até aeroespacial.

"Identificamos que, no Brasil, há boas oportunidades para nossa atuação. A produção local visa atender a vários mercados", afirmou ontem o CEO da companhia no Brasil, Davide Cappellino. A AGC está terminando a primeira fábrica no País, em Guaratinguetá (SP), que deve entrar em operação no segundo semestre, mas a empresa já está em negociações com diversas montadoras, além de conversas com a Embraer.

"Os nossos tipos de vidros são de alta tecnologia e podem ser utilizados em segmentos que necessitam de qualidade e resistência, como o aeroespacial, por exemplo", diz Cappellino. A localização da nova fábrica da AGC é estratégica. A planta está no coração do Vale do Paraíba, à beira da rodovia que liga o Rio de Janeiro a São Paulo e está a menos de uma hora de polos industriais importantes, como o de São José dos Campos (SP), onde estão unidades da General Motors (GM) e da Embraer, e Taubaté (SP), onde fica uma das linhas de produção da Volkswagen.

A unidade paulista da AGC demandou investimentos de cerca de R\$ 800 milhões e pode, nos próximos anos, introduzir a fabricação de 12 linhas de produtos químicos, hoje sem concorrentes nacionalizados, no País. A decisão dependerá de como o mercado brasileiro responderá às vendas da marca que, por enquanto, serão feitas através de importação de plantas da AGC no mundo.

"Traremos itens de maior valor agregado, apesar de já estarem presentes no nosso cotidiano. No médio prazo, poderemos introduzir a produção local", afirma o CEO da AGC. Um dos produtos a serem vendidos no País será uma espécie de material antiaderente.



A capacidade de produção da AGC no Brasil, em princípio, será de 600 toneladas de vidro por dia. Cappellino afirma que 90% do total serão destinados ao mercado doméstico e o restante à exportação. O executivo prefere não adiantar números de crescimento da empresa no País, mas garante que acompanharão, ao menos, a expansão da indústria automotiva, que está

projetada em 5% em 2013, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), e da construção civil.

Do total de vidros produzidos na unidade, uma boa parte será beneficiada para escoamento de conjuntos para 500 mil automóveis por ano, a outra, menor, será destinada à construção civil e decoração. Os planos da japonesa ficam mais claros quando se checa os números registrados pela indústria automotiva brasileira, que em 2012 produziu 3,3 milhões de veículos. "Vamos participar desse crescimento", garante o CEO da AGC.

Anfavea

E neste ano os números do setor continuam fortes. A produção de veículos de janeiro a maio foi a maior da história, segundo dados divulgados ontem pela Anfavea. De acordo com a entidade, houve crescimento de 18,6% nos cinco primeiros meses de 2013 na comparação com o mesmo período do ano passado. No acumulado de 2013, o número de automóveis, comerciais leves, ônibus e caminhões fabricados pela indústria passou de 1,2 milhão de unidades para 1,5 milhão. Só em maio, foram produzidos 348,1 mil veículos, aumento expressivo de 21,8% na comparação anual.

O número de licenciamentos também subiu de 287,5 mil unidades, em maio de 2012, para 316,2 mil no mês passado. Porém, na passagem de abril para maio deste ano, houve queda de 5,2% dos licenciamentos. O presidente da Anfavea, Luiz Moan, pondera que é preciso considerar que os resultados do último mês foram afetados pelo feriado, que subtraiu um dia útil. Por isso, a alta da produção de abril para maio deste ano foi de apenas 0,3%.

Segundo o executivo, os resultados até maio, no entanto, foram muito positivos. "O setor vem respondendo bem ao Inovar-Auto", diz. O programa, que entrou em vigor em 2013, garante menor alíquota de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para empresas que investem em conteúdo local e maior inovação.

Os caminhões, que vêm retomando sua força após dificuldades em 2012, registraram crescimento expressivo no acumulado de janeiro a maio, quando foram fabricados 78 mil caminhões, alta de 45,6% na comparação anual.

Já a produção de máquinas agrícolas também registrou crescimento acima de dois dígitos. Nos cinco primeiros meses de 2013, a alta da produção foi de 13,1% em relação ao mesmo período de 2012.

Com os resultados positivos, o presidente da Anfavea se mantém otimista e destacou que a associação manterá a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do País em 3%. Desde que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, no último dia 29, que o PIB brasileiro cresceu apenas 0,6% no primeiro trimestre, os analistas do mercado reduziram suas estimativas. Ainda de acordo com o Boletim Focus, do Banco Central, o mercado estima 2,77% de crescimento para a economia brasileira neste ano.

Moan, na contramão, afirma que a indústria como um todo deve acompanhar os resultados positivos do setor automotivo, que tem peso de 23% de toda a produção industrial. De acordo com o executivo, outros números, como a variação da produção de aço e petróleo, também apontam para o crescimento da economia na ordem dos 3%.

Fonte: DCI, São Paulo, 7 jun. 2013. Caderno A, p. A7.